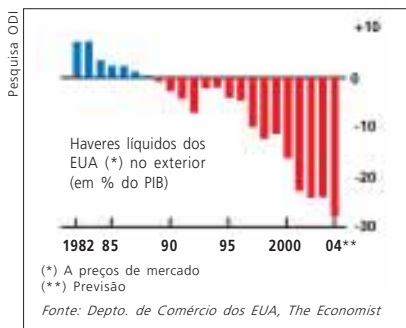


O Império afunda?

O dólar despenca, mas para visualizar seu futuro é preciso examinar a política global



O dólar caiu cerca de 35% em relação ao euro e 17% em relação a uma cesta de moedas desde 2002 – 7% a partir de outubro de 2004. Bancos centrais, empresas e pessoas não querem mais guardar tantos dólares

ou títulos dolarizados porque não estão seguros de que receberão de volta o mesmo valor de antes. No final de 2004, o dólar parecia caminhar para essa condição de enjeitado.

Seu valor efetivo de troca comercial frente a uma cesta de moedas, no entanto, era o mesmo de 30 anos atrás. Partindo de um nível 100 em 1973, o dólar caiu para 90 até 1980; teve um pico de quase 130 entre 1979 e 1985; voltou para perto de 90 entre 1987 e 1995; subiu para 110 entre 1995 e 2001 e vem caindo nos últimos 30 meses para perto no mesmo nível 100 de 1973. Em outras palavras, o dólar parece continuar o mesmo. O problema é que, nesse período, os EUA passaram de credores líquidos do mundo para maiores devedores líquidos do mundo. Como se pode ver no gráfico desta página, o passivo líquido externo dos EUA ao final de 2004 estava previsto em US\$ 3,3 trilhões – ou 28% do PIB –, diz a revista britânica *The Economist*. Ou seja, hoje, deter dólares significa partilhar uma riqueza que se expressa por um número negativo que tende a inflar-se. O que se pergunta é se o dólar começou a perder relevância como moeda internacional e, conseqüentemente, se está no fim a hegemonia americana. A resposta está no jogo de estratégias de crescimento, sobrevivência e supremacia dos atores que dão as cartas na política internacional.

O passivo americano com o resto do mundo reflete dois “déficits gêmeos” – o fiscal, interno, e o em conta corrente, externo. No ano fiscal de 2004, encerrado em setembro, o déficit orçamentário dos EUA foi de US\$ 412,3 bilhões, superando o recorde de 2002/2003, de US\$ 374,3 bilhões. Foi o terceiro ano seguido de rombo grosso, bancado principalmente pelos países asiáticos que compram dólares aos borbotões para manter a moeda americana valorizada e tornar seus produtos de exportação mais competitivos nos mercados que usam essa moeda como referência, inclusive nos próprios EUA. Ao longo dos 12 meses até outubro, o déficit em conta corrente batia em US\$ 665 bilhões – quase 6% do PIB americano,

o dobro do pico nos anos 80 (3%). Visto pelo avesso, o déficit é um superávit concentrado principalmente na China e no Japão.

Do ponto de vista dos EUA, isso é parte da receita para sair da recessão após o estouro da bolha especulativa com ações de empresas de tecnologia, entre 2000 e 2001, juntando aumento dos gastos militares com redução de impostos e taxas de juros baixas para induzir o consumo. A receita é possível por que os asiáticos se dispõem a produzir a preços baixos bens que antes eram produzidos pelos americanos a custos mais altos. A Europa não ganha quase nada com isso, pois, apesar de ser a maior área exportadora do mundo, não bate os asiáticos nos preços. Em novembro, o presidente do Federal Reserve (Fed, o banco central dos EUA), Allan Greenspan, disse que, mais dia, menos dia, os déficits fariam os estrangeiros perder o apetite pelos títulos em dólares. Os investidores privados já dão mostras de inapetência. Nos 12 meses até setembro de 2004, para manter a roda girando, os bancos centrais precisaram comprar 28% do total de títulos de longo prazo do Tesouro americano, quase o dobro do que fizeram nos 12 meses anteriores (15%). A situação ficaria crítica se esses bancos centrais, em vez de comprar, começassem a vender seus US\$ 2,3 trilhões em títulos dolarizados.

Complementares e competitivas Há quem diga que os EUA têm capacidade infinita para suportar déficits. Essa capacidade, porém, não está dimensionada pelas vicissitudes da economia. O professor José Luís Fiori, do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, escreveu no Caderno de Opinião de REPORTAGEM n° 63 (dezembro de 2004) que as contradições das políticas americanas mostram que será cada vez mais difícil os EUA manterem o controle político e econômico global. A grande novidade geopolítica e geoeconômica dos anos 90 em diante, diz Fiori, é que as relações entre os EUA e a China são, ao mesmo tempo, complementares e competitivas, retomando o modelo de competição global por poder e riqueza que prevalecia desde o século 16, em que os rivais também eram parceiros. Durante a Guerra Fria, explica ele, os EUA competiram militarmente com um país com quem não tinham relações econômicas importantes para o dinamismo da sua própria economia nacional (a URSS). E tiveram relações dinâmicas com países que não tinham autonomia militar (Alemanha e Japão). Hoje, os EUA não têm como se desfazer da China, mas chegará a hora em que terão de enfrentar sua expansão, a começar pelo sudeste asiático. Muito antes, portanto, de se transformar num projeto de poder global. O império pode não estar afundando, mas deve estar pronto para o seu mais duro choque. ■